

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JÉFERSON BEZERRA DA SILVA

**A DETECÇÃO PRECOCE EM BEBÊS COM RISCOS DIAGNÓSTICOS NÃO
DECIDIDOS ENTRE AUTISMO E PSICOSE: Uma Leitura Psicanalítica.**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

JÉFERSON BEZERRA DA SILVA

**A DETECÇÃO PRECOCE EM BEBÊS COM RISCOS DIAGNÓSTICOS NÃO
DECIDIDOS ENTRE AUTISMO E PSICOSE: Uma Leitura Psicanalítica.**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Dr Raul Max Lucas da Costa

JÉFERSON BEZERRA DA SILVA

**A DETECÇÃO PRECOCE EM BEBÊS COM RISCOS DIAGNÓSTICOS NÃO
DECIDIDOS ENTRE AUTISMO E PSICOSE: Uma Leitura Psicanalítica.**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 08/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Dr Raul Max Lucas da Costa. Unileão

Membro: Prof.Me. Francisco Francinete Leite Junior. Unileão

Membro: Esp. Luciana Coelho Leite Sampaio. Unileão

A DETECÇÃO PRECOCE EM BEBÊS COM RISCOS DIAGNÓSTICOS NÃO DECIDIDOS ENTRE AUTISMO E PSICOSE: Uma Leitura Psicanalítica.

Jéferson Bezerra da Silva¹
Raul Max Lucas da Costa²

RESUMO

O presente artigo aborda a detecção e a distinção entre os percursos de estruturação entre autismo e psicose na primeira infância, a partir do dispositivo psicanalítico. Tal pesquisa bibliográfica, faz um resgate de como o autismo e a psicose foram compreendidas pelo diagnóstico psiquiátrico ao longo do tempo e aponta a diferença do diagnóstico em psicanálise que se vale do conceito de estrutura. Situa ainda as contribuições de Freud e Lacan, e os analistas que fizeram uma leitura de suas postulações para refletir os entraves constitutivos precoces e os sinais que o bebê enquanto sujeito apresenta no laço com o Outro primordial. Ainda que a estrutura não esteja definida neste tempo do infantil, a importância desse trabalho está em refletir como os sinais de alerta podem contribuir para a direção do tratamento da psicanálise, articulado a um campo transdisciplinar, sem necessariamente esperar o sujeito estruturar-se para só-depois intervir.

Palavras-chave: Detecção Precoce. Estruturas Clínicas. Autismo. Psicose. Psicanálise.

ABSTRACT

This article deals with the detection and distinction between the structuring paths between autism and psychosis in early childhood, based on the psychoanalytic device. This bibliographical research reviews how autism and psychosis have been understood by psychiatric diagnosis over time and points out the difference in diagnosis within psychoanalysis, which uses the concept of structure. It also situates the contributions of Freud and Lacan, and the analysts who have read their postulations to reflect on the early constitutive obstacles and the signs that the baby as a subject presents in the bond with the primordial Other. Even though the structure is not defined at this stage of the child's development, the importance of this work lies in reflecting on how warning signs can contribute to the direction of psychoanalytic treatment articulated with a transdisciplinary field, without necessarily waiting for the subject to become structured before intervening.

Keywords: Early Detection. Clinical Structures. Autism. Psychosis. Psychoanalysis.

¹ Discente do curso de psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, bezerrajeferson316@gmail.com

² Docente do curso de psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, raulmax@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Os diagnósticos do autismo e da psicose infantil se constituíram ao longo da história como questões para a psiquiatria, já que suas classificações se pautam em diferentes épocas, como conjunto de conhecimentos que dependem do poder de grupos de interesses influentes (Bursztejn, 2019). Também a história dos conceitos é importante ser pontuada e como o autismo entrou em suas classificações e posteriormente se tornou prevalente em termos de dados epidemiológicos, deixando a parte a psicose infantil.

A princípio, no século XIX, no início da psiquiatria os casos de loucura foram descritos em crianças, a exemplo de Esquirol em 1845, que descreveu a mania com alucinações em crianças e em 1860 várias publicações psiquiátricas surgem, como 1887 casos de “delírio de suspeita”, Morel com os casos de demência precoce, Griesinger em 1867 sobre alucinações e ideias fixas em crianças, bem como Hecker em 1871 descreve a hebefrenia e diversas outras publicações versam sobre a loucura infantil (Bursztejn, 2019).

Kraepelin em 1898 reúne as diferentes síndromes descritas acima, como demência precoce, e em sua concepção era uma patologia cerebral que evolui a deterioração mental. Em 1911 Bleuler publica seu trabalho, introduzindo o termo esquizofrenia para a demência precoce (Bursztejn, 2019). Nessa época o autismo surge como um sintoma secundário ao lado do sintoma primário, no caso a dissociação na esquizofrenia.

No final dos anos 1920 e no decorrer de 1930, Bursztejn (2019) aponta que há o desenvolvimento da psiquiatria especialmente nos EUA, mas os quadros psicopatológicos na infância estão impregnados sob o termo esquizofrenia replicados por trabalhos como de Potter (1933), Despert (1938) e Klein (1946) com sintomas desde delírios, pensamento autístico, perda do contato afetivo dentre outros sob o mesmo bloco de esquizofrenia.

No entanto, o autismo e a esquizofrenia vão se diferenciando a partir do trabalho de Kanner, que em 1943 publica casos em que ele chama de “Distúrbio Autístico do Contato Afetivo” tendo como marca a dificuldade de estabelecer relações com pessoas e reagir às situações após o início da vida (Bursztejn, 2019). Ao que já se distingue da esquizofrenia sendo uma desorganização de um funcionamento até então normal, tendo o autismo um lugar mais constitutivo. Segundo o autor acima, o Kanner formalizou inclusive características como: incapacidade inata para desenvolver relações, isolamento extremo e exigência de imutabilidade.

Asperger nessa mesma época de 1944 publica a “Psicopatia Autista”, cuja descrição é semelhante à descrita acima. E mesmo que Kanner tenha colocado uma certa distinção, no início de seus trabalhos colocou o autismo na mesma natureza de base da esquizofrenia, ao que se pode dizer que o autismo não teve lugar propriamente dito por anos na psiquiatria infantil, em que mesmo na década de 1950-1960 o modelo de esquizofrenia permanecia predominante (Bursztejn, 2019).

No entanto, em 1960 inicia movimento propriamente de separação entre autismo e psicose infantil, conforme Bursztejn (2019) em 1962 a partir de artigos como de Lebovici, nos anos 70 na Inglaterra, por Rutter e Kolvin que insistem na diferença do autismo de Kanner e as psicoses mais tardias, entre outros.

É também nessa época, em que surgem trabalhos psicanalíticos, que além de distinguir esses quadros, destacam seus modos de funcionamento diferentes (Bursztejn, 2019). E é nesse contexto que o autismo marca sua entrada na CID-9 em 1975 ainda no capítulo sobre “as psicoses específicas da infância”, ao que nessa época o autismo era considerado uma síndrome rara. Conforme vai passando tempo, o DSM e a CID em suas edições versam cada vez mais de descrições grosseiras e que vão destacando o autismo como lugar central ao que antes ocupava a esquizofrenia (Bursztejn, 2019). E a noção de infantil desaparece marcando uma patologia de toda a vida, atrelando a isso a simplificação do DSM-III-R contendo no bloco Transtornos Invasivos do Desenvolvimento apenas o “Transtorno Autístico” e os “Transtornos Invasivos Não Especificados”, em que há pacientes que recaem neste grupo patológico do autismo mesmo que seu quadro clínico não corresponda a tal forma de funcionamento para Bursztejn (2019), estando nesse bloco “retardo mental” “esquizofrenia” e “deficientes” em sentido amplo considera Laurent (2014).

Além de não mais se fazer uma distinção clara e precisa entre psicose infantil e autismo, além de outros entraves constitutivos com rigor sobre o funcionamento, a esse fenômeno a exemplo do DSM-IV conforme Bursztejn (2019) e DSM-V para Laurent (2014) se deve a evolução imprecisa da prevalência do autismo, deixando de lado a psicose infantil em detrimento do conceito vago de transtornos invasivos do desenvolvimento. Além de compor descrições de comportamentos que não se vale do conceito de estrutura, para se refletir o que ainda está se inscrevendo nesse momento da constituição, ao que incide em altas taxas de dados epidemiológicos de tal funcionamento (Ferreira, 2019).

O diagnóstico em Psicanálise se vale do conceito de estrutura, enquanto um conjunto, sendo que as partes desse conjunto e as relações entre essas partes, formam um sistema de conexões que em outros termos, esses conjuntos de relações estruturam o objeto (Ferreira,

2019). Dito de outro modo, a estrutura de como o sujeito se engendra em relação à linguagem, cuja estrutura é dedutível pela escuta ao invés do olhar, que permite a semiologia do particular em transferência (Dunker, 2022). Dessa forma, pensar o infantil na psicanálise, é fazer a alusão ao que não está definido e essas relações com as partes, em que se fala em psicanálise das inscrições para formar uma estrutura autista ou psicótica estão em percurso, já que a passagem de *infans* para o estatuto de *falasser*, é uma travessia complexa que leva em conta as operações de causação do sujeito (Ferreira, 2019). Além de ter uma forma de pensar um diagnóstico próprio, deslocado da descrição fenomenológica, para refletir a partir de construtos teóricos as inscrições que vão fundando a estrutura enquanto modo de funcionamento, de posição e forma de enunciação que de algum modo repete em o sujeito fazer a mesma coisa (Dunker, 2022).

O presente artigo tem como intuito analisar a clínica psicanalítica precoce, no que ela pode contribuir a partir de seu dispositivo de tratamento da detecção de sinais de risco e distinção de estruturação clínica entre o autismo e a psicose de forma precoce. Bem como situar a diferença quanto a estados de outros possíveis entraves desse sujeito em constituição, em que ainda não se tem nada decidido como aponta Vanoli e Bernadino (2008), mas elementos de impasses que requerem um olhar, uma convocação da psicanálise nesse campo.

Além disso, antes de pensar os percursos de possíveis entraves, Laznik (2016) aponta a importância de analisar as operações de linguagem que marcam a formação do eu e do sujeito, a imagem do corpo segundo Ferreira e Vorcaro (2022) sendo necessário o retorno a Freud e a Lacan e autores que trouxeram às contribuições a partir desses, para pensar o Estádio do espelho, os tempos do circuito pulsional, as estruturas clínicas para a psicanálise articulado aos registros do real, simbólico e imaginário para posteriormente pensar as falhas nesse processo.

Conforme Laznik (2013), é um trabalho de pensar hipóteses estruturais de detecção e intervenção em que dado a pouca idade como diz Bursztejn (2019) e a plasticidade neuronal dado os avanços na epigenética que confirma que se houver mudanças no meio ambiente tem efeitos tanto na expressão do genes quanto de estruturação (Laznik e Georges, 2021). Um outro previsível, que se adapte e busque o bebê, esse movimento permite o processo neuronal de decodificar movimentos finos dos olhos, boca, respiração entre outros movimentos de interação possibilita uma rede de neurônios se abrir a marca social e de vínculo, conforme Laznik e Burnod (2021), deslocando-se de possíveis fechamentos graças a plasticidade cerebral e ao prazer compartilhado que marca as conexões sinápticas e que vinculam melhor o sujeito as relações (Laznik e Georges, 2021).

Este trabalho não é de prevenção, pois o bebê já emite sinais de que algo não vai bem, mas refletir um trabalho que antecipa a estruturação psíquica, permitindo algumas retificações do laço e das funções paterna e materna, além de atender em uma outra perspectiva de clínica precoce, em um modelo diagnóstico distinto do psiquiátrico, não-todo, sem garantias, sendo uma aposta no sentido de um olhar pois há um real em jogo, sendo um atendimento a um sujeito que precisa independente do tempo em que ele está (Campanário, 2008).

Será discutido no tópico 3.1 será discorrido sobre as operações de causação do sujeito, retomando Freud com Lacan sobre a importância da Alienação como laço primordial para a constituição do aparelho psíquico, e no tópico 3.2 o Estádio do Espelho como um momento crucial deste laço na importância dos rastros que vai distinguindo o autismo da psicose. No tópico 3.3 é retomado a operação de causação do sujeito, desta vez a separação, para no tópico 4.1 e 4.2 A Distinção Clínica Entre o Autismo e Psicose, refletir os diferentes entraves do que ocorre nas estruturações em termos de alienação e separação articulados aos registros do real, simbólico e imaginário. Posteriormente, no tópico 5 discutir as conclusões da pesquisa e a direção do tratamento nesses diferentes entraves estruturais.

2 MÉTODO

A pesquisa de cunho científica, segundo Gil (2018) seguem o rigor com sua proposta de estudar o objeto passível de investigação e seguem classificações distintos a partir dos objetivos, do próprio objeto investigado, pela abordagem do problema e que tipos de fontes se buscará para chegar a responder a pergunta problema científica que se deseja alcançar. Logo, a pesquisa em questão tem como objetivo a classificação de ser exploratória narrativa. Quanto a coleta de dados será uma pesquisa bibliográfica e quanto a natureza dos dados é de uma marca qualitativa, ou seja, como coloca Rey (2011), a pesquisa qualitativa tem como finalidade a produção de um saber a partir do que já se tem na literatura.

O material escolhido foram livros, artigos e outras produções como dos autores das obras do Instituto Language e Ágalma, que tem sólidas bases sobre tal temática que apresentem tais elementos da clínica psicanalítica precoce em questão.

A fonte da pesquisa tem como bases de dados o de Google Acadêmico e Scielo, tendo como descritores para o ato da pesquisa: detecção precoce, riscos diagnósticos, autismo, psicose, psicanálise, constituição do sujeito e operadores *booleano AND e OR*.

3. OPERAÇÕES DE CAUSAÇÃO DO SUJEITO EM LACAN: ALIENAÇÃO E SEPARAÇÃO

3.1 ALIENAÇÃO

O que se pode perceber acompanhando Lacan (1964/2008), no Seminário *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*, é que, para este autor, o sujeito é resultado da causação de duas operações, que marca o aparelho psíquico, a alienação e a separação. Dessa forma, para que o sujeito possa advir ao campo do Outro, é necessário passar ao mesmo tempo pelos significantes que em tal movimento o alienam e o marcam ao Outro.

Em Lacan (1964/2008), a pulsão toma um estatuto de articular significante e corpo, e esse corpo em sua teorização não é apenas um corpo biológico, mas se constitui na relação com o outro que se apresenta nas dimensões real, simbólico e imaginário (Danziato, 2009). O corpo tem também essas três dimensões, imaginário enquanto corpo que depende da relação especular, a imagem do outro é a referência, momento que o outro e sua imagem retira esse infans de está colado ao prazer de órgão autoerótico, e produz abertura (Danziato, 2009). E quem produz essa abertura não é apenas o aparato neurológico, mas o laço com o outro, a que depende o próprio organismo da estimulação significante, que provém da linguagem, dos traços que envolvem o bebê para o autor citado. Tais traços não são apenas palavras, mas um discurso que está presente o não dito, os olhares, os fantasmas familiares, a entonação da voz do outro materno, que enoda e registra numa dimensão simbólica a constituição da imagem de seu corpo (Danziato, 2009).

Para o autor citado acima sem o laço com o outro, a constituição do corpo poderá ser comprometida. No entanto, esse corpo tem uma dimensão simbólica, o laço imaginário está abalizado como diz o autor pela função fálica e o significante nome-do-pai, que norteará o discurso e o desejo do outro propondo ao sujeito ideais fálicos e narcísicos a que se espera do sujeito uma posição subjetiva formulados pela cultura. O eu ideal ou ideal do eu, versam o laço cultural que tem efeitos na simbolização do corpo, o que se espera, por exemplo, dos significantes menino e menina, vai inscrevendo efeitos significantes sobre esse corpo (Danziato, 2009).

Mas esses registros estão sempre articulados entre eles e no último registro, há um real na estrutura de linguagem a qual teorizou Lacan. O real enquanto algo que fica a simbolizar, de tudo dizer e em outros termos de todo corpo se significar, há real do corpo como próprio

sexo e a morte, e a impossibilidade de capturar o outro no que ele chama de malhas dos laços imaginários e simbólicos (Danziato, 2009).

Sendo assim, o corpo em psicanálise é uma construção que implica uma imagem totalizante, dado que sua composição e construção tem o Outro com seu olhar, um lugar primordial (Laznik, 2021). O que a própria pulsão em Lacan (1964/2008) fica claro que tem um caráter de movimento e articulação com o Outro, ela faz um circuito que vem se fechar sobre o ponto que iniciou tendo aí seu registro de satisfação. E a noção de surgimento de um novo sujeito, se apoia também no remate do circuito pulsional que dá consistência ao primeiro tempo de sua construção que é a alienação, saindo de um fechamento de “prazer autoerótico” com próprio corpo (Danziato, 2009).

3. 2 ESTÁDIO DO ESPELHO

Lacan em seus *Escritos* (1949/1998) trouxe uma das grandes contribuições à psicanálise, a partir da reflexão do estágio do espelho como formador do registro do eu, uma experiência de unidade. Ao postular tal discussão, o autor diz que a partir de um dinamismo de um investimento libidinal do Outro cuidador, o infans mesmo prematuro em termos de impotência motora, sem postura ereta por volta de seis a dezoito meses, passa adquirir movimentação, a partir do reconhecimento no espelho de sua imagem corporal, ao que inclusive tenta sustentar-se de forma ereta a partir da imagem que vê no espelho. Lacan (1949/1998) pensa o estágio do espelho a partir da identificação, ou seja, a partir da transformação que lhes ocorre no assumir da imago, em assunção jubilatória que lhes foi construída e investida pela matriz simbólica que precipita o eu a partir do Outro parental.

Dessa forma, também já é possível perceber em Freud (1899/2017) a importância que deu a marcação da presença do Outro barrado e do prazer compartilhado que marcam traços de memória no psiquismo conforme Lima (2019), enquanto inscrição de presença-ausência, fundadoras da alienação e separação em Lacan (1964/2008). E em outro momento, o próprio Freud (1914/2010) propõe um momento autoerótico, anterior ao narcisismo, em que o bebê está em um prazer fechado com próprio corpo com as suas zonas erógenas, ao que ele precisa se abrir a por essas zonas em prazer com os outros que dele cuida, para inscrever essa vivência de satisfação com o outro, saindo de um fechamento que poderia ter como consequência o risco de autismo (Danziato, 2009).

Sendo importante refletir alguns desdobramentos lacanianos que apoiam as discussões de Freud para pensar a instauração do aparelho psíquico do bebê, e as estruturas

clínicas que serão percorridas, sendo importante situar o que Lacan trouxe como os registros real, simbólico e imaginário ressaltadas desde do início do seu ensino e o Estádio do espelho (Danziato, 2009)

Para Teixeira (2019) os registros citados por Lacan devem ser concebidos em um nó borromeano, sempre articulados para refletir a experiência humana. Sendo o real o registro que escapa à linguagem, ao que não tem nome, que retorna sempre ao mesmo lugar, da ordem da repetição, o que não é especularizável, impensável ou que não se tem ideia, uma categoria do impossível que não cessa de não se escrever, e ao que foge a representação, portanto, escapa do simbólico e do imaginário. O simbólico diz respeito ao campo da linguagem e a função que regula o laço social, ao campo da palavra, inscrição prévia ao sujeito, ou seja, antes do seu nascimento ele já é falado e depositário das expectativas dos genitores visto a partir do próprio nome, mas também está situado numa ordem simbólica e social (Teixeira, 2019).

Para o autor citado, o simbólico dar um lugar ao sujeito, ocupa um lugar para o Outro e suas gerações anteriores, passa pelos significantes e a imagem dada por este Outro para que tenha acesso a fala, a própria alfabetização até a escrita para obter o domínio da língua. Além disso, esse registro o insere numa ordem simbólica, por exemplo, um sujeito filho portanto não pode ser pai de seus pais, o sujeito ganha um lugar definido marcado de expectativas do Outro que corresponde a cultura, a sua tradição, os seus costumes e as relações de parentesco transmitidas pelo pequeno outro que corresponde aos seus pais e cuidadores (Teixeira, 2019).

E o registro do imaginário, corresponde à relação com a imagem do semelhante e com o próprio corpo, que organiza a constituição do eu. O bebê nasce com a experiência de corpo despedaçado, mas por volta dos seis meses tem seu olhar captado pela imagem no espelho, ao que virará para o semelhante para confirmar se tal imagem e representação uma de corpo é sua. O imaginário corresponde assim, a alienação à imagem e seus atributos que lhes vem de um Outro, e que lhes dar consistência de uma forma, de um corpo coeso e demarcado o limite de si próprio ao mundo externo (Teixeira, 2019).

Dessa forma se pode pensar, as próprias falhas dessa não inscrição da vivência de satisfação comentada por Freud que inscrevem os traços de memória de tal experiência ao que Lacan (1964/2008) trouxe como período de alienação primordial. Tal operação é importante a constituição do sujeito, já que o mesmo necessita passar pela alienação imaginária que corresponde a captura de sua imagem no espelho e a construção do eu a partir dessa imagem, a alienação simbólica que é passar pelos significantes do Outro e alienação real que diz respeito ao circuito pulsional (Teixeira, 2019).

Por isso, é importante refletir os entraves do bebê que parece não estar atravessando esses tempos lógicos de inscrição a partir da intermitência presença-ausência do cuidador que presta esse investimento libidinal a partir desses modos de alienação. Com isso se pode refletir até mesmo as falhas no campo simbólico a este *infans*, já que a inscrição dos traços, permite a alucinação quando este outro não está presente e posteriormente esse processo cede ao pensamento que implica metáfora do objeto de satisfação (Freud, 1899/2017). No caminho do autismo, a própria memória não é uma construção que leva tanto a questão a dimensão metafórica do pensamento, mas este é muito mais como um sistema de regras, repetitivo, imutável, ou seja, uma fixação do objeto, dado a falha no registro da alienação (Laurent, 2014). E a Psicose, se esses períodos de presença da vivência de satisfação, ou seja, de alienação, não abre margens a períodos de ausência, prenúncio da separação, a inscrição dos traços, só pode ser possível na ausência, e sua inscrição é de um excesso dessa vivência colada ao outro e a própria dimensão da metáfora é danificada, dado a presença massiva, uma célula narcísica, que não aponta nesse desejo o lugar terceiro do pai. (Dunker, 2022)

Dessa maneira, o corpo em termos de forma só é vivido e tomado a partir da formação do eu, uma Gestalt, este senso de eu que organiza, o interior, exterior e o eu ainda que seu destino seja a alienação, ele é imprescindível para união do corpo a uma imagem (Lacan, 1949/1998). Um senso de unidade, de uma organização imaginária que inclusive tem efeitos para maturação biológica, cujo ser nasce com a experiência de corpo inacabado (Lacan, 1955-1956/1988). Sendo assim, a função do estádio é de um estabelecimento de uma relação do organismo com a realidade, de uma imagem despedaçada do corpo até sua totalidade no sentido ortopédico. De uma identificação com a imago do semelhante, provocando uma identidade alienante como diria Lacan (1949/1998), de um registro de desconhecimento que é próprio do eu, já que sua formação vem do Outro, mas importantíssimo para a constituição psíquica e de laço social (Lacan, 1955-1956/1988). Sua instauração vai permitir que se constitua a imagem do corpo e do eu na criança, sendo mostrado conforme Laznik (2021) a partir da experiência óptica de Bouasse:

Figura 1 — O Experimento do buquê invertido.

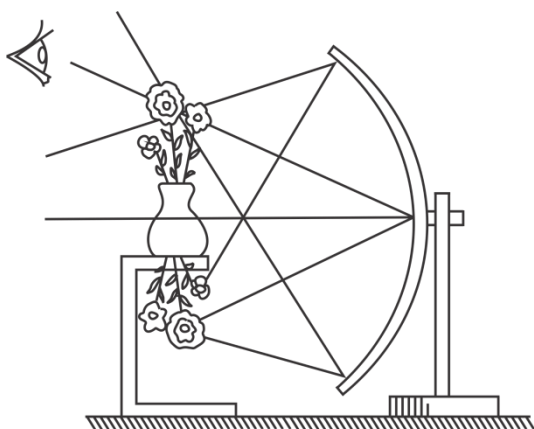
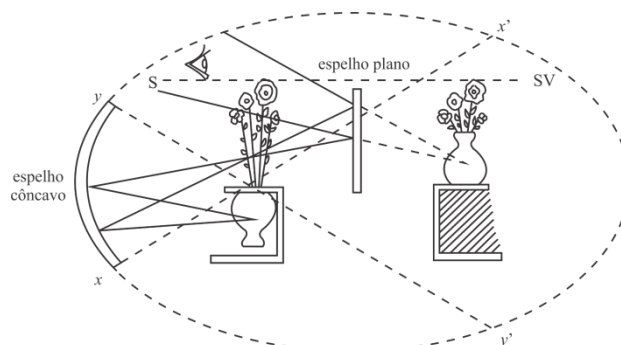


Figura 2 — Esquema simplificado dos dois espelhos.



(Lacan, Jacques, 1986).

Tal experiência permite pensar a união do objeto real, nesse caso o corpo nu e orgânico do bebê, com o olhar, peça primordial que poderá perceber um conjunto do objeto real com uma imagem fálica formando um todo. O estágio do espelho justamente para esse momento de júbilo onde o pequeno *infans*, vai se reconhecer na imagem proposta, como eu (Lacan, 1949/1998).

Sendo assim, já se tem indícios de um fator importante para a estruturação do sujeito, sendo que a impossibilidade de uma instauração do estágio em questão consiste na não-assunção jubilatória diante de sua própria imagem ou na ausência da demanda de reconhecimento, no caso das crianças que evitam virar a cabeça para aquele que o carrega para confirmar alguma coisa, como aponta Lima (2019), além da falta de iniciativa de interação social (Bursztejn, 2019). A falha da assunção jubilatória do eu aponta para esse evitamento já que houve uma falha primeira, a de reconhecimento, uma espécie de forclusão desse investimento libidinal, em que nesse laço com o Outro no tempo da alienação, teria como efeito a formação do eu considerando a leitura de Laznik (2021) das teses trazidas por Lacan sobre o estágio do espelho.

Sendo que a falicização da criança só se dá pelo viés da falta do Outro que permite o investimento libidinal no real do corpo do bebê, marcando sua existência no plano simbólico, (Laznik, 2016). É um lugar atributivo, próprio da função materna de pensar seu bebê, lhes atribuindo gostos, vontades, pensamentos de seus próprios pensamentos conscientes e inconscientes, investidos com palavras marcadas de desejo que projeta sobre o bebê (Crespin, 2022).

Vale ressaltar que a falicização da criança só pode se dar pelo viés do Olhar do Outro, olhar este que é diferente da visão, o olhar tem haver com o lugar ideal, mas para isso seu Outro primordial em Lacan ou próximo em Freud (1895) a colocaria no lugar de objeto perdido. Esse *Nebenmensch* designa o semelhante que acolhe o recém-desamparado, sua função é além do cuidado das necessidades, tomar as manifestações do real orgânico como mensagem, significando algum pedido, o que faz desse laço ser crucial, já que o Outro materno antecipa um saber ler o corpo do *infans*, introduzindo no universo simbólico (Dias, 2010). O olhar, em cujo estão presentes as palavras, os significantes primordiais carregados de prazer pela prosódia de manhês, vão designando um lugar cuja identificação com o traço unário poderia se fazer. Estando articulado a tal olhar desde a vida intrauterina, o que tem consequências imediatas para o aparelho psíquico que vão constituindo traços de

representação, os primeiros registros inconscientes de apetência simbólica, que é a linguagem já inscrita no recém-nascido a partir do seu lugar no desejo parental. (Crespin, 2022)

O corpo do *infans* além de imaginário, é também um corpo da letra, do significante, um corpo de linguagem dado pelo Nebenmensch desde a vida intrauterina, já que o mesmo ouve desde o quinto mês de gestação, conforme Souza (2020) e do que ele ouviu e a trama simbólica que o circunda pode inscrever no bebê atividade na abertura ou fechamento, a troca relacional (Crespin, 2022). Além disso, outro aspecto importante é que essa ação específica de ler o grito como um chamado, um pedido, desloca a criança do real da necessidade, para a lógica da demanda, do desejo, e na medida em que antecipa um sentido, ela também oferece um objeto capaz de solucionar o mal-estar, ficando assim traços de memória, de nível visual, perceptivo, auditivo, acústicos, com modos prosódicos da fala dos pais nessa experiência de laço que se registra conforme Laznik (2021) e Dias (2010) restos dessa troca no psiquismo, marcando a alienação a partir das atribuições da função materna (Crespin, 2022).

Laznik (2021) aponta que Lacan mais uma vez no seu Seminário da angústia pontuou sobre o fracasso da instauração dessa relação especular com o Outro. Cujo pequeno outro, como uma mãe, por exemplo, que concebe a criança em seu ventre tão apenas como um corpo “cômodo ou incômodo”, uma espécie de subjetivação da criança como puro real. Assim sendo, se o Outro cuidador não faz a loucura necessária como aponta Winnicott (2000), que não se deixa enganar por uma projeção de uma imagem real a criança, e logo por nenhuma ilusão antecipadora, que só visualiza o bebê como real e desnudado, marca uma impossibilidade que qualquer coisa advenha.

A ausência da imagem real marcada de investimento libidinal, deixa a criança sem imagem de corpo, tornando delicada a vivência de imagem corporal, já que a instauração da imagem fantasmática libidinal advinda da relação com o Outro se faz importante, já que é somente a partir da humanização pela linguagem, é que a mãe como representante de das ding, poderá causar um sujeito desejante para Dias (2010) e dar uma imagem e uma interpretância conforme Souza (2020) a partir de um correlato verbal com os gestos da criança, oferecendo-lhes sentido a partir de seu fantasma a essa criança.

Assim, se o Outro materno não faz essa interpretância entre gestos e linguagem, se o corpo permanece como puro real, deixa como futuro para a libido como o ensimesmamento no corpo próprio das automutilações, numa busca de sentir o corpo desarranjado de linguagem (Laznik, 2021).

Como outro desdobramento importante para o aparelho psíquico, além do olhar do Outro na constituição do eu marcando a alienação sob o viés de sua consistência imaginária,

vale pontuar também o fracasso da instauração do tempo de alienação do ponto de vista do fracasso do circuito pulsional, cujo remate como dá literalmente consistência real a alienação (Laznik, 2021).

Constata-se ainda que a pulsão tem três primeiros componentes, o impulso, a fonte e o objeto e quarto como sendo a meta, em que existem três tempos do circuito pulsional para atingir a satisfação pulsional em busca de um objeto que o cause, distinto do objeto da necessidade. Um primeiro tempo do circuito pulsional em que o pequeno *infans* vai em direção a um objeto externo tomando como fonte de prazer, por exemplo, o seio ou a mamadeira, apoderando-se dele (Laznik, 2021).

Um segundo momento do circuito em que ele toma uma parte de seu próprio corpo como objeto como seu dedo ou a chupeta, e um terceiro que o Freud entendia como passivo, mas Lacan inovou ao apontar que o bebê é ativo, ao se fazer objeto do Outro, se fazer ver, se fazer escutar, oferecer, por exemplo, o pezinho para o Outro comer, ele se dá tentando fisgar o gozo que vem desse campo, logo exige-se muita atividade nesse processo (Lacan, 1964/2008). Seguindo esse percurso, Laznik (2021) pontua que para que se possa falar de um sujeito em ascensão, e de que realmente houve a montagem pulsional, é preciso que o *infans* se assujeite, é nesse assujeitamento de se fazer objeto que este vai ascender ao campo do Outro e por assim dizer assujeitado aos seus significantes, ele pode inserir-se no universo da linguagem, sendo a partir do manhês um próprio recrutamento tônico em resposta a investida (Souza, 2020).

Esse sujeito, em advento que se faz objeto do outro, outro semelhante como os pais, mães ou responsável da relação intersubjetiva deve se portar e encarnar, como também sustentar o lugar do Outro, lugar e tesouro dos significantes, cujo campo do qual vai se constituir o sujeito do inconsciente, marcado pelos traços significantes, que constitui os traços de memória desse bebê. Em que este pequeno há de se inserir no universo da linguagem por este Outro pelo qual vai tendo acessos aos sentidos da língua e a produção de novos sentidos (Souza, 2020).

Pode-se aferir que é a instauração do terceiro tempo do circuito pulsional que efetiva a alienação, já que o surgimento do sujeito é causado pela alienação e separação, tal surgimento do sujeito tem direta relação no campo do Outro na sua ligação com o significante (Laznik, 2021). A alienação real, provocada pelo se fazer objeto do outro, enoda a alienação simbólica, visto inclusive que quando se inicia a fala, o sujeito fala pelos significantes provenientes do Outro que precisa apresentar uma fala sintonizada com as expressões do bebê. Tal assujeitamento a este Outro da pulsão, provoca a possível enodação imaginária, a partir do

reconhecimento do seu eu através da imagem especular do semelhante, através do estádio do espelho discutido anteriormente, um eu que se constitui oferecendo também uma imagem para o Outro (Lima, 2019).

Tal operação de alienação conforme Laznik (2021) aponta a partir do texto freudiano, de que a voz opera primordialmente como elo entre o bebê e o Outro nesse processo, já que desde vida intrauterina, ele ouve a voz materna, e de que o polo alucinatório de satisfação do desejo resgata traços mnêmicos das representações, que seriam os sons e os traços prosódicos inscritos com características gramáticas marcadas por pontuação, escansão específicas, unindo a isso os atributos do olhar do *Nebenmensch*, enquanto esse Outro assegura das necessidades primordiais do bebê (Freud, 1895).

Desse modo, desejo do Outro materno seria traduzido pelos traços do seu rosto, em como este Outro o olha com os traços particulares acústicos de sua voz. E Como aponta Crespim (2004), que a necessidade encontra o Outro, encarnado no semelhante que acolhe e confere um estatuto de resposta humana. O grito enquanto ruído, pode ser lido a partir de um Outro atento, um apelo, uma aposta de que ele fala, e este se reconforta ao ouvir a voz do Outro, o bebê se acalma antes mesmo da primeira mamada com a voz materna, “estou indo meu bem, meu nenenzinho, meu plincipe” evidenciado pelas pesquisas de Fernald (1982,p 104-113 apud Laznik, 2021). Para o autor citado, ele bebe as palavras daqueles que representam o Outro e essas marcas de satisfação de queda tensão se dá pela saciedade da necessidade, mas muito mais que isso, ao plano simbólico da prosódia marcada por estupefação, prazer e surpresa.

Não é a mera satisfação da necessidade marcada pela experiência sensorial de alimentação que dá ao bebê, atividade psíquica e formação cognitiva, mas também o plano simbólico, em que quando deixado sozinho o bebê irá reevocar tal experiência de satisfação alucinatória, tanto do plano do prazer marcado pela satisfação da necessidade como os traços do Outro, reencontrando aí apaziguamento que constituirão o aparelho psíquico (Laznik 2021).

E deve-se lembrar que este gozo, que o bebê vem capturar no Outro materno, e que esta mãe saboreia, deve passar logo por uma privação conforme Lima (2019) que o bebê não deve se excitar tanto é que o pai, ou qualquer terceiro simbólico faria barra, não estaria em acordo, permitindo essa privação pela mãe que aceite ser castrada e que coloca esse Outro que barra em seu discurso pode ser, marido, trabalho, afazeres, ou seja, ela mostra ao bebê que também está submetida a lei, marcada pela castração e pela falta (Laznik, 2021).

3.3 SEPARAÇÃO OU CASTRAÇÃO

Manzi (2019) comenta que Lacan traz em suas teorizações três formas ou modos de falta de objeto, e em paralelo a isso três tempos lógicos que passa a criança pelo complexo de Édipo, articulando os registros real, simbólico e imaginário.

Em um primeiro momento “a criança se coloca” imaginariamente no registro do desejo materno, no lugar de falo para a mãe, pois depois de ter passado por algumas operações em torno do falo, ela percebe que se nela falta alguma coisa, no Outro também pode faltar. Nesse momento ela sofre um dano imaginário, pois esse Outro não está sempre ali (frustração), o objeto que lhes era real, passa para simbolização, ora presente, ora ausente (Manzi, 2019).

A frustração como aponta o autor citado está no registro do apelo, o bebê demanda ao Outro materno mais que a satisfação das necessidades, mas sua presença, uma demanda de amor, de ser o objeto de amor materno, e a presença-ausência já se trata de uma simbolização, disso que é difícil ser encarado, de nem todo momento o Outro materno está presente e quando esta também não faz um encaixe perfeito com que se pede.

Um segundo momento da falta de objeto é a privação, o pai surge como um elemento que modifica as posições dos personagens edípicos, ao privar a mãe de ter um falo, no entanto é preciso que a mãe o chame, aponte ele em seu discurso. Entrando em cena de interditar a mãe de possuir um falo, neste caso a criança, o *infans* se coloca em momento crucial de decisão, aceitar ou não a privação sofrida pelo Outro materno (Manzi, 2019).

Em um caso normatizador de a criança aceitar a privação do Outro materno, a consequência para dialética do desejo nesse jogo com a mãe, é de que ela começa a assumir um lugar em que não é possível preencher o desejo materno, a partir desse “Não-do-Pai”, a criança abandona a crença de haver um objeto unívoco que corresponda ao desejo materno e passa a achar que é o pai o detentor do falo da mãe, assim se depara com a condição de não mais o ser, nesse momento a criança sente que perdeu a posição de ser o suposto falo, sendo nesse tempo a dialética de ser e ter o falo. Nesse tempo ele entra como portador da lei, sua função é de interditar algo, nesse sentido “O pai surge como lei, como quem priva a mãe de ter aquele falo, pois o pai pode dar a mãe o que ela deseja, e pode dá-lo porque o tem... o pai é um pai potente” (Lacan, 1999, p.200) afirma Lacan no seminário V.

Ainda nesse momento acredita-se que alguém tem a posse ou não do significante fálico, suposto objeto do desejo.

[...] o que é essencial é que a mãe funda o pai como mediador do que está para além da lei dela e de seu capricho, a saber, pura e simplesmente, a lei como tal. Trata-se então do pai enquanto Nome- do-Pai, estreitamente ligado à enunciação da lei, como todo o desenvolvimento teórico anuncia e promove. É nisto que ele é aceito ou não pela criança como aquele que priva ou não a mãe do objeto de seu desejo [...] (Lacan, 1999, p.197).

E é graças a isto, que ocorre o deslocamento, se o desejo da mãe é o pai, então esse desejo como foi visto acima se desloca para o que mãe deseja ter o falo que supostamente está na posição do que interdita, graças a mãe que o coloca em seu discurso.

Mas na terceira falta de objeto efetiva-se um deslocamento de um suposto falo imaginário representante do desejo materno, para um deslizamento de um significante puro, ou seja, a criança passa aceitar que o desejo não pode ser preenchido por um objeto empírico, mas o significante Nome-do-pai aponta para outros objetos do desejo materno, e mais que isso, que só pode ser satisfeito por um significante e sendo assim, ela nunca encontrará uma satisfação completa, ou seja, o pai simbólico efetiva a falta (Manzi, 2019). A metáfora paterna faz falta no Outro materno, retirando a criança de uma posição de devorada. A castração aponta que o significante fálico é o impossível do preenchimento do desejo.

Portanto, é preciso ouvir em como está se dando a construção do fantasma infantil, em como a criança lida com a castração e qual sua posição e como responde ao desejo do Outro, importante não quebrar o fantasma, pelo contrário como pode construir o fantasma sem estar numa posição de gozo do falo materno? (Lavarini, 2013).

É preciso atuação do pai simbólico, representante da lei e que apresenta novos lugares e novo universo para ela. O pai faz uma espécie de segundo desmame pelo qual a criança sai de sua pura e simples união com a potência do Outro materno (Lacan, 1999). O pai morto, é o pai simbólico cuja lei quando inscrita no psiquismo, faz um corte aponta Crespin (2022), funda o recalque e organiza o psiquismo entorno da falta, do desejo e de posições simbólicas, a partir do qual o sujeito pode se posicionar assumir um lugar em relação ao Outro materno e ao falo, efetivando no bebê a alteridade (Crespin, 2022). Surgindo um sujeito como um ato de resposta como pontua Elia (2004) um ato de resposta à falta instaurada, a um espaço dado ao sujeito, é o que torna um sujeito desejante, do quem “tu és!” materno, para o “quem és tu?” paterno (Crespin, 2022).

4. DISTINÇÃO CLÍNICA ENTRE AUTISMO E A PSICOSE SEGUNDO A PSICANÁLISE NA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA.

4.1 AUTISMO

A distinção clínica se faz importante para o analista como se pode perceber “A psicanálise vem nos ajudar na detecção precoce dos casos de risco de autismo através do laço entre a mãe e seu bebê, desde os primórdios da vida extra-uterina” (Campanário, 2008 p.69). Além de pontuar a importância da detecção precoce, ainda constata de que “Pactuamos com a ideia de uma estrutura própria do autismo infantil, particular em relação às outras três estruturas clínicas propostas por Lacan[...]” e a autora ainda pontua que “esta distinção apenas nos interessa na medida em que nos auxilia em nossas intervenções clínicas[...]” (Campanário, 2008 p.73).

A partir de tais teorizações já discorridas ao longo do trabalho, podem-se inferir possíveis hipóteses estruturais, de que no caso do autismo, o que existe é um fracasso do tempo da alienação na constituição do sujeito, dada a marca de uma impossibilidade ou recusa do remate do terceiro tempo do circuito pulsional (Laznik, 2021). Nesse momento, onde o eu se faz objeto de um novo sujeito, sendo tal hipótese acertada pela autora ao fato de se constatar que inúmeras vezes a linguagem significativa não se encarna, tendo efeitos diretos de laço que manca enquanto Outro simbólico, como se não houvesse um Outro aponta Laurent (2014). Falhando assim o movimento de acesso ao Estádio do espelho e a constituição de um eu feito pela alienação simbólica que mostra ter efeitos na estruturação. Tais marcas de dificuldades para que haja esse laço primordial e estruturante se devem a inúmeros fatores como distúrbios motores, dificuldades alimentares como o refluxo gastroesofágico que provoca dores devido a acidez, torcicolo congênito em vários casos, ao que muitas vezes se misturando a vários fatores contribui ao fechamento do bebê, como os próprios estados de tensão dos pais e eles se fecham em detrimento de sua hipersensibilidade (Laznik et al, 2018).

Distinto dos estados depressivos no bebê conforme Saboia (2018), em que seu fechamento é causado pela ruptura do laço, mas há inscrição da troca prazerosa, já que ele se abre a quem assim o investe com maior facilidade Lima (2019). Observa-se nos bebês de risco de autismo, é que se não houver um estatuto do terceiro tempo do circuito pulsional, o trajeto manca, não se fecha, de modo que também não há momento auto-erótico, porque nada de nenhum prazer como aponta Laznik (2021) suscitado pelo Outro, pode-se efetivar e registrar no pólo alucinatório de satisfação, sendo apenas um contato preso ao próprio corpo deslocado de prazer, além do próprio balbúcio pouco endereçado ao Outro, sem função comunicativa (Souza, 2020). A vivência de corpo nesse sentido é de pura carne, no registro do

real já que o investimento libidinal com simbólico sofre as falhas na instalação, com isso o corpo se encaminha a não representação (Levin, 2011).

Outras questões colocadas por Laznik (2016), é que no movimento real, simbólico e imaginário em suas articulações, no bebê que se encaminha para o autismo, além dessa recusa a falicização da qual ela é objeto, dado a exemplos de dificuldades já ditas, algum obstáculo acontece ao bebê em que o imaginário venha se sobrepor ao real de sua fragilidade orgânica, o imaginário do júbilo diante do espelho não passa pelo real de sua existência imatura, ou seja, há um entrave no estádio do espelho em que eles não se interessam por sua mãe amorosa que lhes mostra e investe libidinalmente na sua imagem virtual.

Esse movimento em que se realizado haveria já um reconhecimento, em que ele identifica-se com esse bebê maravilhoso que encontra no Olhar do Outro, ou seja, intercruzamento do real pelo o imaginário e pode-se dizer então, que o eu já estaria basicamente construído (Laznik, 2016). Por haver tal erro, parece que o real predomina ainda sobre o imaginário, o imaginário tem uma falha no enodamento com o simbólico e real, e se este real for acrescido a dores e excitações internas, mais toma proporção, dado que isso desorganiza aquele Outro que dele cuida, e que poderia lhes ajudar na articulação imaginária e simbólica conforme a autora. Além disso, Campanário (2008) também discute que dado as dificuldades no laço, o bebê pode vir ocupar o lugar de objeto estranho, da não especularidade, gerando angústia para ambos na relação. Tal angústia, segundo a autora pode ter uma convocação do Outro a partir dos sinais de morte enquanto sujeito desejante, ao que em muitos casos o Outro parental olha para outra direção não percebendo o bebê que se deixa cair, se furtar ao Olhar, saindo de cena da relação. Em outros termos, o bebê com sinais de risco pode até olhar/reagir a solicitação do familiar, mas não inicia uma troca prazerosa e jubilatória com o Outro, o que constitui um sinal de um olhar clínico (Souza, 2020).

Outras características que derivam desse funcionamento autista estão às dificuldades nos processos de simbolização que convoca o imaginário, a colocação das questões simbólicas em um registro de representação e perspectiva dos eventos, assim como a capacidade de jogar e animações e personificações que envolvem ficção são tomadas com bastante dificuldades, dado a predominância do real (Laurent, 2014). Acrescido a tais sinais, estão o se colar ao que é o mais real do perceptível, já que os deslizos dos sentidos que convoca o imaginário são encarados com baixíssima tolerância, uma espécie de contiguidade e substitui o que é da ordem da associação, do campo significativo (Laznik, 2016). A lógica é do mais concreto possível, mecânico sem muitas interpretações ou busca de sentido para além do que se é apresentado visto nas criancinhas pequenas (Laurent, 2014).

Há falhas no fantasma e quanto a vivência do corpo nesse sentido como coloca Levin (2011) se o imaginário e o simbólico não enlaçar o real do orgânico conforme dito acima, o resultado é um corpo mudo, posição do mutismo, coisificado, o próprio tônus muscular, as posturas, movimentos, o espaço e o tempo marcado pelo real, numa relação de exclusão a linguagem e de endereçamento (Laurent, 2014). Vaga-se no tempo eterno e espaço sem limite pelo simbólico, sem um “lugar próprio” do qual e no qual possa se orientar, com isso os movimentos desse corpo são sem direção, sem limites espaciais, sem endereçamento que implicaria a inscrição da alienação (Levin, 2011). O que fica em evidência nos movimentos gerais é o gozo na estereotipia, gozo no corpo, o movimento desse corpo não passou pela inscrição das marcas do Outro, é preferível um objeto na qual se passa tempo agarrado como própria extensão do corpo (Laurent, 2014).

Como pontua Touati, Mercier e Tuil (2016), a existência de um mundo distinto do perceptível imediato, auto-sensorial e proprioceptivo, portanto um mundo muito representável é um verdadeiro colapso, dado as falhas do mecanismo de clivagem, projeção e identificação projetiva. As dificuldades apresentadas em termos de experimentar emoções, não derivam de incapacidade, mas de integrá-las em um conjunto de funcionamento e do pensamento, ficando de forma real, sem articulação, para esse sujeito é melhor evitar (Laznik, 2013). Emoções têm um caráter de desorganizá-lo, já que é uma intensidade sentida no corpo deslocada de representações e já que é assim, é melhor fugir do contato, assim como da voz e outros órgãos que serviriam de endereçamento (Laurent, 2014).

Touati, Mercier e Tuil (2016) situa que os modos de pensamentos se dão de formas distintas nas crianças pequenas, no autismo, o pensamento se dá por neutralização, contiguidade, memorização e diversos modos de hierarquização, que tem uma base de uma marca de desfalecimento corpóreo basal restringindo sua organização de modo sensorial e real, enquanto modelo de apreensão de mundo, um sistema de regras como pontua Laurent (2014), distinto de um pensamento com cunhos alucinatórios na psicose.

Esses pequenos humanos, quando entram no jogo e imaginação, eles podem ser exercidos, no entanto como aponta Touati, Mercier e Tuil (2016), tem marca de rigidez e restrições, recorrendo a sequências de memorizações e automatismos, e também são passíveis de aparecer capacidades e prazer de brincar com as palavras, invenção e jogo teatral, mas consiste uma marca de codificações e ao concreto, sem muitos deslizos, tendo preferências por questões maquínicas, caminhões, trens e aparelhos diversos, servindo como órgão suplementar, que serve como linguagem para seu corpo (Laurent, 2014). E é possível pensar com Campanário (2008) que se o jogo é um protótipo da atividade simbólica dado a marca de

entrada no simbólico, que a partir da presença enlaça a alienação e a ausência que prefigura a separação estão comprometidos aqui, os jogos de ocultação, do deixar objetos caírem para o adulto apanhar, lançar algo a distante para novamente ir pegar, abrir e fechar caixas, esconde-esconde não são presentes a rigor, já que são constituídos pela dialética presença/ausência. E claro que as competências devem ser vistas de sujeito a sujeito, é comum o destaque em disciplinas de memorizações e mesmo que haja sobrecarga sensorial e problemas entorno da representação da ausência, e situações de imprevisto, como a imersão em múltiplas estimulações que tem um valor ansiogênico, podem provocar evitação e perturbações, mas não há atividade alucinatória (Touati, Mercier e Tuil, 2016).

É preciso retornar às operações de causação do sujeito conforme Jardim (2001): a alienação e a separação. E que para Campanário (2008) no risco de autismo na clínica com bebês, o sujeito se constitui pela negativa, ou seja, se pode ver ou não o surgimento do sujeito a partir dos dois elementos fundantes. O olhar enquanto troca entre o Outro cuidador e o bebê e o fracasso do terceiro tempo do circuito pulsional como já discutido, em ele se fazer, se dar para o Outro. O atendimento precoce a partir dessas observações, conforme Campanário (2008) parece apontar outros caminhos e possibilidades, “Na direção do tratamento, possa ser construída outra saída possível para a criança autista que não seja pela psicose, além de várias outras possibilidades de intervenções e tratamento no campo da Psicanálise” (Ferreira; Vorcaro, 2022, p.20). Mas a idade é um fator preponderante para início do tratamento, haja vista que esse sinais são visualizações precoces e o trabalho se efetuará a partir de tais indicadores.

Para Laznik (2021), o que ocorre no autismo, é que não há entrada no tempo da alienação. Pois segundo Jardim (2001) O bebê fica retido, envolto em seu próprio corpo, com dificuldades de entrar no laço de alienação com o Outro. Sendo passíveis de fazer apontamentos quanto ao que se podem explicar assim as frequentes estereotípias de crianças autistas: mãos à boca, balanceio, ausência de olhar e ausência de fala, entre outras formas de gozo próprio ou com objeto (Laurent, 2014). O acesso ao primeiro significante conforme Jardim (2001) aquele emprestado do Outro primordial, que dele vem, também está impedido, impossibilitando o encadeamento de outros significantes que formariam uma possível cadeia discursiva. Ou seja, Campanário (2008) aponta que nos primeiros meses de vida é preciso que ocorra uma incorporação simbólica, desde as marcas e traços do Outro ainda enquanto *infans* como aquele que não tem fala, a falar em nome próprio pelos significantes do Outro. Dessa forma, a criança que está se estruturando nessa posição autista não consegue forma linguística

de representação de si com facilidade, há dificuldades no próprio campo de linguagem, uma espécie de trauma do endereçamento que permitiria fazer vínculo (Laurent, 2014).

4.2 PSICOSE

Lacan (1955-1956/1988) no seminário *As Psicoses* aponta que a estrutura psicótica é resultado da falha da inscrição do significante Nome-do-Pai, que viria operar enquanto função de corte das impregnações do Outro materno e de uma relação construída a partir de um gozo da dimensão atributiva e transitiva deste Outro, que pensa pelo bebê (Crespin, 2022).

Segundo Campanário (2008) a partir das teorizações lacanianas, reforça ao dizer que a psicose é uma falha na inscrição do significante Nome-do-Pai, e o que vai ocorrer aqui é uma fusão de significantes, em outros termos a holófrase do par primordial (S1-S2) são solidificados, ao que há uma espécie de barra do sujeito falar em nome próprio, dado a psicotização pela fusão do par de significantes, que não abre margem a inscrição da metáfora paterna. Segundo Bernardino (2004), o psicótico é completamente identificado ao eu, não sofrendo a inscrição do Nome-do-pai, ele se exclui da regra, não tendo um encontro com pai em sua função de corte. Para autora supracitada, o primeiro tempo lógico do Édipo marcado pelo estádio do espelho, seguido da entrada do pai e posteriormente sua confirmação, ao que aqui não se registra, é foracluído, ao que significa: “passou do prazo”, logo não há mais recursos, falta a inscrição no inconsciente da castração, do limite no Todo da relação sujeito-Outro (Nasio, 1997). No entanto, por se tratar de um tempo lógico, combinado de várias contingências, como a relação com a linguagem, a própria submissão ao real do organismo submetido ao desenvolvimento maturacional e embora dependente do desejo e do simbólico, e ainda a imaginarização do Outro social que situa o pequeno bebê em diferentes lugares segundo sua idade, organizações e dispositivos sociais é difícil apontar qual momento exato a foraclusão (Bernardino, 2004). Portanto, desde bebê, é necessário algumas operações para a inscrição ou não das operações de alienação e separação e o intercruzamento dos movimentos dos registros real, simbólico e imaginário.

Laznik (2016) aponta que há uma falha no movimento lógico, em que o simbólico que tem marca de castração iria sobrepor ao imaginário, ou seja, um bebê que vai bem, o Outro experiente colocaria a majestade o bebê para dormir no seu berço com tempos mais curtos de reinado (metáfora), por exemplo. Na própria troca alimentar se a resposta do bebê for a recusa e isso for respeitada e se muda de atitude perante a resposta do bebê, o calor ou frio do bebê for respeitado, seu espaço em detrimento do que o Outro supõe, essas posições podem se

alternar ao longo dos cuidados, desde que Outro materno seja castrado, não-todo, ao que permite que não haja só um (Crespin, 2022). Sendo que esses movimentos dos registros real, simbólico e imaginário se inter cruzam a todo tempo até encontrar no sexto mês o estádio do espelho e em paralelo com o movimento mais efetivo da operação de castração propriamente dita.

De algum modo, bebês que vão se estruturando para o caminho de uma psicose, “não conhecerão a surpresa e alegria de ser colocada na cama ou no berço, com o reencontro com pai” fazendo a alusão e metáfora à tempos lógicos de uma marcação de operações que demarcam a castração (Laznik, 2016). Usando essa linguagem metafórica, para dizer que esse Outro com seu olhar-voz libidinal ao mesmo tempo em que investe, deixa aos olhos do bebê um terceiro simbólico que faria alguns furos no Outro materno. Aqui ele permanece objeto de gozo de sua mãe, o imaginário inflado, bebês excitados em excesso por seu Outro materno e de suas atribuições, mostram inclusive a sintomatologia das formas da “clínica do pai”, instabilidade, dificuldades com limite, distúrbios do sono, que aponta para dificuldade com a separação (Crespin, 2022). Ao que Bernadino (2004) argumenta que a inscrição do significante Nome-do-Pai abre ao sujeito para a significação fálica, do infantil a sujeito capaz de tentar nomear pelo desejo o que caiu entre ele e o Outro.

Os acidentes entre os registros citados em termos de prevalência do autismo e psicose não são os mesmos, na psicose haverá sempre o erro no momento do simbólico passar sobre o imaginário que consiste, e marcaria a diferenciação entre o eu e o outro. No momento do simbólico fazer um passe sobre o imaginário do estádio do espelho repleto de investimento, sendo aqui o Outro materno incapaz de recolocar a criança no seu lugar e cessar o gozo. Como também haverá sempre um erro no movimento que efetiva a metáfora paterna, ou seja, da inscrição propriamente desse significante, que tem outro lugar fálico apontado pela mãe, ela se concebe como não-toda e também se submete a lei, e constantemente apontando que esse terceiro simbólico deve está sobre o imaginário, e assim poderia se efetivar a inscrição da operação do significante Nome-do-Pai (Laznik, 2016).

No autismo o entrave se dará no momento do imaginário passar sobre o real, que a coloca nesse lugar de investimento, no movimento entre real e imaginário que ele já consegue se identificar com os atributos fálicos e a formação do eu, momento de se permitir a relação com o *Nebenmensch*, que realizará ações específicas que permitirão cessar as excitações tanto do meio externo quanto interno, acontecem justamente falhas nessas operações conforme Laznik (2016). Ao que Bernadino (2004) aponta que os objetos, o mundo externo só é possível em termos de unidade se antes o sujeito tiver a imagem de corpo, de traço unário

pelo Outro cuja consistência de unidade imaginária advém da nomeação simbólica, de “tu és”, para “eu sou” a partir da travessia edípica. A autora ainda aponta, que são as palavras, as operações de linguagem que marcam o sujeito com seu corpo, sua imagem e sua posição simbólica. Dito de outro modo, não se escapa da linguagem, e é esta estrutura de fala e da linguagem que marcam um ordenador, determinando as posições em jogo, abrindo a significação, a partir da função do falo enquanto significante. Desse modo, ele presentifica, aponta para a falta, na tentativa de tapa-la, cujo significante é organizado e condensado pelo Nome-do-pai, que tem o papel de baliza dos ordenamentos e das significações da história desse sujeito, que marcado por esta função, não é mais puro objeto, podendo barrar o significado maciço de signo que era para o Outro primordial, abrindo espaço para o novo, cujo destino cada um lhes cabe decifrar (Bernadino, 2004).

É comum na clínica do autismo perceber uma questão interessante, um bom número dessas crianças já pequenas em sua relação com as leis que regem o mundo, a escola e as regras familiares podem lhes facilitar, para muitos as leis organizam o seu mundo, no entanto a lei no autismo se articula ao real, vem fazer barra ao real, a lei não se articula ao imaginário. É preciso que elas sejam explícitas já que eles têm dificuldade de deduzi-las da relação imaginária com o outro, e, portanto, suas competências em áreas como a matemática, informática e filologia ganham destaques, já que estão presos a uma espécie de separação antes de qualquer alienação (Touati, Mercier e Tuil, (2016).

Outros aspectos importantes que vale ressaltar é que os modos de funcionamento psíquico de ambos são diferentes, porém em alguns pontos com algumas semelhanças. Numa organização psicótica pode ou não haver certos traços autísticos presentes, assim como uma organização autística pode sinalizar angústias e defesas de cunho psicótico, porém o modo de estruturação ulterior permanece marcado como autismo, ainda que haja outras evoluções como aponta Touati, Mercier e Tuil (2016).

A estruturação psicótica tem marca de construir o objeto de forma trágica visto já nas crianças pequenas, o jogo é vivido como desafio no âmbito de uma angústia e perigo, já que as fronteiras do eu e o mundo tem alterações e a distância entre o eu e o mundo exterior, dos limites, podem ser flutuantes tornando assim um processo doloroso (Touati, Mercier e Tuil, 2016). A vivência do corpo é o que Levin (2011) aponta como indiferenciado, devido as falhas com a castração, a união gozosa marcada por signo na interpretação da relação do Outro materno, faz um sujeito com dificuldades na representação, de fazer metáfora já que as respostas foram inscritas como signo, é possível ter um objeto do desejo, logo conforme Levin (2011) a coisa é a coisa, não é possível “como se”, não há jogo com as palavras ou é

muito difícil. Em termos metafóricos, se a criança chora e o motivo de forma unívoca é isso, sem dúvida, os signos unívocos gozosos não abre um corte neste corpo é o que diz Levin (2011), um gozo imaginário não desprende desse corpo com essa relação de linguagem fixa, não há apontamentos para o significante fálico, um remeter a falta, que criaria dúvida e com isso o desejo sem objeto, ficando presa e fixada na especularidade da certeza psicotizante e imaginária de tal laço. O corpo aqui é uma extensão do corpo do Outro, ficando o sujeito invadido por horas sem uma diferenciação de si com o outro e mundo externo. A relação com a linguagem existe, no entanto, muito marcada de forma unívoca e não múltívoca própria do laço social, aponta o autor citado acima.

Outras características, é que o fantasma do psicótico, se assim se pode dizer, é suscetível de tornar a realidade exterior persecutória, e para lidar com isso as alucinações, a projeção e sua identificação, e a própria reorganização delirante surgem como modos de prazer e soluções para costurar essa realidade caótica cujo preço pago é essa criação de novos sentidos construídos sobre a realidade (Touati, Mercier e Tuil, 2016).

E nessas crianças pequenas, mesmo que haja agitações ansiosas, existem diferenças entre os determinantes de um paciente psicótico de um autista. Na psicose como coloca Touati, Mercier e Tuil (2016), se dá como conflito insolúvel e uma ambivalência que é desorganizadora, com sobrecargas desordenadas de excitação. E o que é importante ressaltar é que o real que desorganiza o autismo é distinto do real fantasmático ameaçador e dotado de gozo que desorganiza o psicótico. Enquanto há tentativa de lidar com buscas imperiosas de regras para dar ordem ao caos do mundo no autismo, na psicose haverá uma tentativa imperiosa de reconstruir um mundo submetido ao transbordamento pulsional, gozante, sem lei nem limites (Touati, Mercier e Tuil, 2016).

Nas psicoses infantis, diferente de um percurso de um sujeito autista, o impasse está no momento da separação dos significantes do Outro. O bebê, a criança pequena aliena-se ao discurso do Outro e aí permanece, sem poder, também, ocupar um lugar discursivo próprio (Campanário, 2008).

Dáí Lacan (1955-1956/1988) afirmar que o psicótico fala a língua materna, pois ele se encontra capturado aos desejos e à imagem deste Outro primordial, tão devastador e tão invasivo. No psicótico parece não haver o corte promovido pela função paterna. Encontramos crianças psicóticas que emprestam seu corpo aos cuidados maternos excessivos e fora de tempo; a entrada de um terceiro na relação aparece anulada (Dunker, 2022). Se, por um lado, uma criança psicótica pode falar, sua fala surge fragmentada e recheada de significantes do fantasma materno, pois alienou-se a eles, por uma questão estrutural, mas deles não consegue

se libertar, se separar. Efetivamente, uma lei paterna não vigora. Se aí fica preso aos significantes do Outro, ela fica em uma posição subjetiva de paralisação e indefinição enquanto seu lugar de *fallasser*. Se falta um significante no campo do Outro no tempo de olhar a partir do estágio do espelho, algo fica suspenso no tempo para compreender, já que com a inscrição do Nome-do-pai, seria possível precipitar alguma afirmação sobre si, ao que se isso falha, resta responder com seu ser a falta do Outro (Bernadino, 2004).

Vanoli e Bernadino (2008) em suas teorizações discutem que no processo de constituição subjetiva do aparelho psíquico, o Outro materno tem a função de fazer inscrição pulsional do bebê como sujeito alienado ao campo do Outro. Tal inscrição tem uma face real, e outra simbólica, em que é registrado na língua, que já o precedia antes mesmo de seu nascimento. Como marca estrutural de registro psíquico, o bebê responde ao fantasma nesse primeiro momento de querer ser o objeto fálico que completaria o desejo materno. No entanto, há momentos lógicos de presença-ausência, qual comparece e desaparece, ou falha nos momentos exatos de demanda, essas marcas são para o bebê sinais de angústia e importantes, dado seu desamparo fundamental, que o acompanhará ao longo de sua existência, dado o não saber especificamente o que se é para esse outro. São operações que falham nesse percurso de um sujeito em caminho de estruturação psicótica conforme as autoras citadas.

Vanoli e Bernadino (2008) ainda pontuam que é a falha nesses tempos lógicos, no caso da falha da entrada do pai como função, o significante Nome-do-pai sendo foracluído, não inscrito, será rejeitado para fora do universo simbólico, fracassando a separação, o que dá margem de instauração de uma estruturação psicótica. A ausência de inscrição da função paterna tem como efeito também a não inscrição de significantes capazes de funcionar como pontos de basta, como articuladores na cadeia significante que é imprescindível a constituição, a posição e exercício de um sujeito (Vanoli e Bernadino, 2008).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância dessas discussões pauta-se na contribuição da transmissão do que tem a psicanálise a dizer sobre diagnóstico na clínica e nas instituições, já que essas teorizações concedem subsídios a pensar a detecção de sinais de alerta e possíveis manejos para melhor evolução nesses casos.

Dessa forma Conforme Campanário (2008), a direção do tratamento no atendimento precoce do bebê com o Outro parental é que se estabeleça um laço que possa dar sustentação à

constituição subjetiva necessária a “saída do autismo”, em sentido de dizer para onde se encaminha o tratamento, ou seja, a suposição de sujeito por parte do Outro cuidador precisa se inscrever, como coloca a autora, revestir, cobrir a carne do bebê com imaginário capaz de produzir certa suplência a partir da mediação simbólica, propiciada pelo tratamento conjunto dos bebês com seus cuidadores seja no consultório ou no contexto institucional como creches, berçários e hospitais neo-natais.

Nesse sentido, supor sujeito é conforme Campanário (2008) tomar as puras reações do bebê como produções de sujeito dando sentido a elas, em uma espécie de antecipação, a exemplo do bebê produzir sons (lalação) e o Outro materno ouve ou forma palavras devolvendo em um laço com prosódia de manhês o que supõe que ele queira expressar, vai permitindo inclusive a criança a falar, e isso independente dos espaços de trabalho e cuidadores, sejam pais, cuidadores de espaços terapêuticos ou demais profissionais da saúde.

Também o analista aponta no tratamento, a importância do estabelecimento da demanda, enquanto tradução do Outro das manifestações como grito, choro e movimentos reflexos em palavras, em pedido direcionado ao cuidador, variando as interpretações (será frio, dor? calor? Quer um carinho?) ao que vai permitindo a significação da demanda pelo tesouro dos significantes da linguagem materna, ao que Coriat (2021) dirá que isso é colocar o desejo na direção do tratamento, *Che vuoi*, que queres bebê?. Mas para que isso aconteça, o analista deve separar momentos com a presença do bebê, mas em uma escuta reservada aos pais e que lugar colocam no desejo de cada um (Coriat, 2021).

O analista endereça-se ao bebê nos atendimentos pois desde os primeiros meses de vida ele é tocado pela entonação e picos prosódicos da voz humana, em outros termos, ao universo da linguagem, ainda que nesse momento ele não compreenda a significação das palavras, os picos prosódicos da voz enlaça o bebê a uma vinculação ao Outro como também abre caminhos para inscrição dos significantes nomes-do-pai (Campanário, 2008).

No atendimento com bebê de risco autista, o analista se coloca em trocas de sintonia e reciprocidade com estes, suscitando troca visual que pressagia o advento do Espelho, introduzindo ritmos e a prosódia de manhês na fala como canção, além de retomar nas palavras da língua os fonemas que surgem na cadeia sonora do bebê ajudando a enlaçar a seu Outro primordial (Crespin, 2021).

O analista nesta clínica do autismo já com crianças pequenas, pode ouvir e usar da particularidade do objeto autístico e da repetição, como borda que esse sujeito usa como sua linguagem e da repetição com esse objeto para encadear a outros, até formar uma construção simbólica e discursiva, saindo de um estado de retraimento, da caneta que ele pode agarrar e

jogar fora e repetir esse movimento várias vezes, até pegar um papel e utilizá-la a escrever e construir um novo (Laurent, 2014). O analista como parceiro, usa do objeto como suporte a entrar na relação e propõe como objetivo de seu trabalho, que ele faça laço e deslize na cadeia de linguagem conforme o autor citado, seja na instituição ou no consultório acompanhando o sujeito ao introduzir um menos um, conforme Barros (2012), que torna suportável o laço social. A dimensão política da psicanálise na direção do tratamento, é então ajudar o sujeito a contornar a intrusão mortífera experimentada no laço com o outro, levando em conta as soluções encontradas por ele, a partir da própria lógica do caso clínico (Borsoi, 2012).

Já a direção do tratamento nos casos de risco a estrutura psicótica, é uma convocação do pai conforme Campanário (2008), ou seja, se faz possível a entrada do pai enquanto função, necessária a “saída da psicose” enquanto direção clínica. Aqui conforme a autora supracitada, as pontuações do analista é que algo do laço se produza no sentido de presença-ausência e se instaure de modo simbólico, ou seja, que a função materna nem seja tão presente, nem tão ausente mas um revezamento que permita a inscrição pulsional aberto a falta e a falha no Outro-todo. Também a intervenção repousará na autorização, ou melhor, as manifestações do bebê poderão ser vinculadas a uma ordem simbólica e não a seu próprio corpo, é importante o Outro materno situar a lei como referência terceira no laço com a criança, saindo assim de uma posição de objeto do gozo do Outro.

Dessa forma, conforme Lacan (1955-1956/1988), o analista acompanhará o sujeito em relação ao conjunto do sistema de linguagem e ao que ele pode construir de amarração com esse sistema, ao que conforme Coriat (2021) em outras palavras dirá que a clínica infantil vai em direção a parição do sujeito, uma espécie de outro nascimento, alienando-se a linguagem do Outro e suas marcas, mas também de separando-se, ao que quer dizer engendrar-se a si mesmo.

Mas nessa clínica com bebês se faz importante um trabalho multidisciplinar nesse terreno da estimulação precoce, para contribuições mais efetivas com articulação das disciplinas a partir da lógica do caso clínico atendido. A própria psicanálise, psicologia, medicina, psicomotricidade, cinesiologia, fonoaudiologia, linguagem, psicopedagogia dentre outras que podem se mostrar imprescindíveis em termos de contribuição (Coriat, 2021). Para a autora citada, os especialistas na estimulação precoce não devem centrar-se apenas no conhecimento do desenvolvimento do aparato orgânico, tendo o analista o papel de mostrar a importância com a lógica do singular, do fazer-se ponte entre pais e bebês, sustentando a pergunta, que queres? que se direciona ao bebê, colocando o desejo dos pais como uma resposta em laço com este. Ainda para Coriat (2021), os profissionais da saúde como médicos

e os já citados podem trabalhar as dificuldades do corpo orgânico que dificultam o estabelecimento do laço precoce, e ao analista concerne o ofício da montagem da subjetividade, da alteridade e ou as produções deste pequeno aspirante a sujeito.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. do R. C. do R. **A Questão do Autismo**. In: MURTA, Alberto; CALMON, Analícea; ROSA, Márcia (org). *Autismo(s) e Atualidade: Uma Leitura Lacaniana*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.

BERNADINO, L. M. F.. **Psicoses não decididas da infância**: Um estudo psicanalítico. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004.

BORSOI, P. **Os Autistas e o Uso do Simbólico: Enigma e Invenção**. In: MURTA, Alberto; CALMON, Analícea; ROSA, Márcia (org). *Autismo(s) e Atualidade: Uma Leitura Lacaniana*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012

BURSZTEJN, C. **História dos Conceitos de Autismo e de Psicose Infantil: Do Século XIX ao DSM-V**. In: FERREIRA, Severina Silvia (organização e apresentação); Prefácio de Ione Silva. *O Autismo e a Questão da Detecção Precoce*. Recife: Linceu, 2019.

BURSZTEJN, C. **Progressos no Diagnóstico Precoce dos Transtornos de Autismo**. In: FERREIRA, Severina Silvia (organização e apresentação); Prefácio de Ione Silva. *O Autismo e a Questão da Detecção Precoce*. Recife: Linceu, 2019.

CAMPANÁRIO, S. I. **Espelho, espelho meu: a psicanálise e o tratamento precoce do autismo e outras psicopatologias graves**. Salvador, BA: Ágalma, 2008.

CORIAT, E. **A Direção da Cura na Clínica de Bebês**. In: BARBOSA, Denise Carvalho (org). *A Clínica Psicanalítica de Crianças e Bebês: Relatos de uma Práxis*. Alagoinhas, BA: Editora Balbucio, 2021.

CRESPIN, G. C. **A clínica precoce: o nascimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CRESPIN, G. C. **Como Trabalha um Psicanalista com uma Criança Autista sem Linguagem?** In: BARBOSA, Denise Carvalho (org). *A Clínica Psicanalítica de Crianças e Bebês: Relatos de uma Práxis*. Alagoinhas, BA: Editora Balbucio, 2021.

DANZIATO, L. **As dimensões do corpo e a topologia cultural**. *Aletheia, Canoas*, n. 29, p. 129-141, jun. 2009 .

DIAS, M. de A. M. Amor Materno e Humanização dos Cuidados do Recém-Nascido Pré-Termo. In: BARBOSA, D. C.; OLIVEIRA, E. P. (Orgs.). *Psicanálise e Clínica com Bebês: Sintoma, Tratamento e Interdisciplinar na Primeira Infância*. São Paulo: Language, 2010.

DUNKER, C. **A psicose na criança: tempo, linguagem e sujeito**. 2a.ed. São Paulo: Zagodoni, 2022.

ELIA, L. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

FERREIRA, S. S. **Se as Estruturas São Não Decididas na Infância, Como Pensar o Diagnóstico de Autismo na Criança**. In: FERREIRA, Severina Silvia (organização e apresentação); **O Autismo e a Questão da Detecção Precoce**. Recife: Linceu, 2019.

FREUD, S. (1914-1916) **Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos**. Tradução de Paulo César de Souza. **Obras Completas**, 12 vols. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S.(1925) **O Eu e o Id, "Autobiografia" e Outros Textos**. **Obras Completas**, Volume 16: São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. (1895) **Projeto para uma Psicologia Científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S.(1899) **VII - Sobre a Psicologia dos Processos Oníricos**. Porto Alegre, RS: L&PM, 535-637, 2017.

FERREIRA, T.; VORCARO, A. **Tratamento psicanalítico de crianças autistas: diálogo com múltiplas experiências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2018.

JARDIM, G. **Psicoses e autismo na infância: impasses na constituição do sujeito**. **Estilos Clínicos**, São Paulo , v. 6, n. 10, p. 52-68, 2001.

LEVIN, E. **A clínica psicomotora: o corpo na linguagem**. 9º.ed. Petrópolis – RJ. Vozes, 2011.

LACAN, J. (1953-1954) **O seminário: livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Trad. Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986. Disponível em <https://www.latesfip.com.br/copia-copia-escritos>. Acesso em 13 de Setembro de 2023.

LAZNIK, M. C. **A hora e a vez do bebê**; 1º ed. São Paulo. Language, 2013.

LAZNIK, M. C. **A Voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito** – 4º.ed. Salvador: Ágalma, 2021.

LACAN, J. (1964). **O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2008.

LACAN, J. (1955-1956) **O Seminário, livro 3: As psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LACAN, J. (1957-1958) **O seminário, livro 5. As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 1º ed, 1999.

LAVANI, J. **Teorias sexuais infantis e a construção do fantasma. In: Fantasma e desejo, masoquismo e outros temas/** Organizadores: Junia Sales Cardoso, Liliane Maria A. da Silva, Vera Lúcia de Sales Mourão, Belo Horizonte, MG: Aleph – Escola de Psicanálise, 2014. – (Transfinitos; v. 13). P. 69 – 77.

LACAN, J. (1949) **O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu.** In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LAURENT, É. **A Batalha do Autismo: Da Clínica à Política.** Tradução: Claudia Berliner. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

LAZNIK, M. C.; BURNOD, Y. **O Ponto de Vista Dinâmico Neuronal sobre as Intervenções Precoces.** In: LAZNIK, Marie Christine. Clínica de Bebês: Litoral entre Psicanálises e Neurociências. Instituto Langage, São Paulo, 2021.

LAZNIK, M. C; GEORGES, C. S. **Detectar o Risco de Autismo em Bebês de Alguns Meses, Poderia Permitir Transformar o Prognóstico?** In: LAZNIK, Marie Christine. Clínica de Bebês: Litoral entre Psicanálises e Neurociências. Instituto Langage, São Paulo, 2021.

LIMA, A. M. C. **Autismo e Depressão Infantil e em Criança Muito Pequena: O que Podemos Apontar para um Diagnóstico Diferencial.** In: FERREIRA, Severina Silvia (organização e apresentação); Prefácio de Ione Silva. Autismo e a Questão da Detecção Precoce. Recife: Linceu, 2019.

MANZI FILHO, R. **O complexo de Édipo em Freud e Lacan: uma introdução à fobia do pequeno Hans/** Ronaldo Manzi Filho. –1.ed. –São Paulo: Via Lettera, 2019.

NASIO, J. D. **Lições sobre os Sete Conceitos Cruciais da Psicanálise.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

SABOIA, Camila. **A desvitalização psíquica do bebê: entre sinais do autismo e depressão do bebê.** In GILLE, M. L.; WANDERLEY, D. B. É tarde, é tarde? A intervenção a tempo em bebês com risco de evolução autística. Salvador: Ágalma, 2018.

SOUZA, A. P. R. **Instrumentos de Avaliação de Bebês: Desenvolvimento, Linguagem e Psiquismo.** São Paulo: Instituto Langage, 2020.

TEIXEIRA, M. R. **Real, Simbólico e imaginário no ensino de lacan: uma introdução.** Associação de psicanálise de Maringá Ato Analítico, Maringá-PR, 2019.

TOUATI, B.; MERCIER, A.; TUIL, L. **Autismo, uma Pesquisa: Da Necessidade de Precisar o Campo do Autismo e Aqueles dos TID Não Autísticos.** In: BURSZTEJN, C.; TOUATI, B. (Orgs.). Distinção Clínica e Teórica entre Autismo e Psicose na Infância. São Paulo: Instituto Language, 2016.

VANOLI, E. N; BERNARDINO, L. F. **Psicose infantil: uma reflexão sobre a relevância da intervenção psicanalítica. Estilos clínicos.** São Paulo, v.13, n.25, p.250-267, dez. 2008.

WINNICOTT, D. W. (1958). **Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.